REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL, DE TURISMO, PROPAGANDA, VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE E LITERATURA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO . . . 1$40 | ESTRANGEIRO
SEMESTRE . $70 | ANO . . . . . 3$00
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

ANO III — LISBOA, 5 DE ABRIL DE 1919 — N.º 67

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO | REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA | EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃOO: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337 C. — LISBOA*

OS CAMINHOS DE FERRO INTERNACIONAES

E OS INTERESSES PORTUGUEZES

TEM enthusiasmado vivamente a alma nacional a já celebre questão dos caminhos de ferro internacionaes atravez a Hespanha, muito principalmente pelo que importa aos interesses portuguezes em vista da concorrencia que eles estabeleceriam aos nossos portos, a ser possivelmente realisavel essa idêa.

Todos os jornaes mais ou menos se teem referido ao assumpto; e as conferencias por distinctos technicos sucedem-se sobre esse mesmo thema. Assim, desde o auctorisado orgão «Gazeta dos Caminhos de ferro» com a sua especial auctoridade em assumpto de tanta monta, até o mais modesto jornal provinciano, todos teem dedicado a sua melhor atenção ao caso, já posto bem em relevo pela nossa Revista.

No que respeita ás conferencias, duas se realisaram já, qual d'elas a mais interessante; sendo conferente n'uma, o distincto engenheiro sr. Arthur Bual, sub-director da Exploração do Porto de Lisboa; e n'outra o sr. Fausto de Figueiredo, administrador da Companhia dos Caminhos de ferro Portuguezes e da Sociedade Estoril e uma individualidade de destaque no meio turistico do nosso paiz.

Uma outra conferencia se acha já anunciada, em que o sr. engenheiro José Fernando de Souza dissertará sobre a mesma questão.

Dadas as brilhantes qualidades de inteligencia e de sciencia que distinguem esse ilustre engenheiro, que é ao mesmo tempo um jornalista dos mais proficientes e um conferente de palavra fluente e de notavel valor no nosso meio social, por certo que a sua palestra deve ser interessantissima a todos os titulos.

De tudo quanto se tem escripto e dito a este respeito, uma unica coisa sobresáe imediatamente com a evidencia da mais flagrante verdade:—é que até hoje ninguem cuidou a sério da industria das viagens em Portugal, pensando-se sempre em que a utilisação do nosso paiz para a travessia dos sul-americanos em direção á Europa era uma coisa obrigatoria, sem a mais pequena possibilidade de ser desviada para outro caminho.

Quanto a turismo, foi materia classificada como entertenimento de infantis idealistas; tendo-se organisado o Conselho de Turismo para dar uma pretensa representação *a alguns amigos* que d'ela pudessem tirar o melhor proveito, e sendo a constituição da Repartição oficial *um simples nicho* para contentar outros. E a prova é que os respectivos regulamentos logo de começo foram condenados pela sua ineficacia. Isto é—o turismo em Portugal foi acolhido como uma das muitas utopias em que os espiritos retrogrados—que infelizmente abundam em a nossa terra—habitualmente classificam as idéas de grande alcance.

O erro d'essa apreciação ahi está agora, bem patente.

O resultado palpavel e insofismavel é que nada ha conscienciosamente feito para dar a Portugal a sua verdadeira situação de paiz de turismo por excelencia e de grande sanatorio do mundo, o que lhe proporcionaria, em qualquer ocasião, a mais natural e energica defeza a toda a possivel concorrencia.

Vê-se pois que, não obstante os exemplos que veem do estrangeiro e a insistente persistencia dos que n'esta terra pensam em tornal-a grande, feliz aos proprios olhos e invejavel ás apreciações extranhas, nada, infelizmente, tem feito os poderes publicos despertar do marasmo que o envolve quando se trata do desenvolvimento da riqueza nacional pela industria do turismo, muito embora algumas iniciativas particulares tenham, já por diversas vezes, tentado enthusiasmar os governos com planos de largo alcance e de imediato interesse para nosso paiz.

Ora, que isto assim é impossivel continuar, mostra-o a critica phase por que estamos passando e que obrigará, certamente, a serem tomadas medidas atrabiliarias, pela sua urgente efectivação, em vez de se pôr em pratica as que fossem simplesmente complementares d'um largo plano que devia estar, de ha muito, em execução.

Terá, ao menos, a questão dos caminhos de ferro internacionaes o condão de fazer cahir os nossos governantes na realidade positiva das coisas, e assim começar para o turismo uma epoca de trabalho fecundo e de esperançoso progresso?

—Ha bens que veem por males.

Se assim realmente suceder é caso para nos felicitarmos.

—Mas... só acreditaremos quando possamos constatar esse facto pelos nossos proprios olhos.

A respeito da magna questão dos

caminhos de ferro internacionaes, o nosso querido Redactor Principal sr. Guerra Maio enviou de Paris ao «Diario de Noticias» um muito interessante artigo, a que aquele nosso colega deu um logar primacial, publicando-o ao centro da primeira pagina do seu numero referido a 1 do corrente.

Tambem na «Gazeta dos Caminhos de ferro», o mesmo nosso ilustre amigo tem feito publicar as suas chronicas de viagem, nas quaes se refere proficientemente ao assumpto que tanto tem prendido a atenção portugueza.

E' com o maior desvanecimento que registamos estes dois factos, que mais veem consagrar o nome de Guerra Maio como um turista dos mais proficientes, auctorisados e distinctos.

Linha ferrea directa de Barcelona a Paris

Esta já concluido o grande tunel transpirniaico, que ha de fazer uma nova fronteira franco-hespanhola, e que vae em Ax-les-Thermes ligar á linha directa que conduz a Toulouse e Paris.

Uma vez esta linha concluida, o serviço directo Barcelona-Paris deixará de fazer-se por Cerbére, visto ela proporcionar um encurtamento de perto de 80 kilometros, ficando por isso, Barcelona distante da capital da França cerca de 1.000 kilometros.

E' este um melhoramento de enorme proveito para a Hespanha e de grande alcance principalmente para o turismo catalão, que assim tem uma nova via de penetração nos Pirineus, de que certamente tirará um benefico resultado.

Aos nossos assignantes

Tendo-nos sido devolvidos pelo correio, com a indicação de «*estarem ausentes*», muitos recibos de assignantes nossos que enviámos á cobrança por essa via; rogamos áqueles que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura a extrema fineza de nos enviarem a respectiva importancia por vale postal; dispensando-nos assim de novas e avultadas despezas em que importa hoje a cobrança pelo correio.

Esperamos pois que os amigos da REVISTA DE TURISMO acederão a este nosso pedido, prestando-lhe d'esta fórma um concurso que muito grato nos será registar.

O TURISMO EM PORTUGAL

E A SUA PROPAGANDA

Em o numero d'esta Revista referido a 20 de março de 1918, n'um artigo subordinado á epigrafe que serve de titulo ao presente, lê-se o seguinte periodo, que vamos transcrever literalmente:

"*A Hespanha trabalha por seu lado para, em ocasião oportuna, recolher com suficiente proveito os resultados da sua situação, como posto de recepção e de transmissão de viajantes estrangeiros.*»

Em face das idéas dominantes atualmente n'aquele Paiz, a respeito da construção do caminho de ferro de Dax a Algeciras e da linha ferrea de Vigo a Irun, dir-se-ha que fomos profetas ao escrever aquele periodo.

Devemos, porém, dizer que ele não foi influenciado pelos poderes ocultos que tanto relevo déram á celebre pitoniza madame de Thèbes, mas simplesmente sugerido por uma natural previsão, aliás ao alcance de qualquer que—como nós—se dedique ao estudo da magna questão da industria das viagens.

Se a esta Revista não coubesse já a prioridade na apreciação especifica do assumpto, pelo artigo que inseriu no seu numero 51 referido a 5 de Agosto do ano passado, o periodo que acima transcrevemos dava-lhe esse primacial logar; pois, embora não se divulgassem claramente os planos que no reino visinho se estavam estudando para se pôr em pratica uma activa e intensa concorrencia ás relações internacionaes pela via portugueza, n'ele se davam bem a entender quaes as intenções que ali já então predominavam, com o fim unico de atrahir os proveitosissimos interesses da situação geografica da peninsula iberica abandonados ao simples beneficio de Portugal.

Mas, nem então, nem, tampouco, quando apreciámos os planos do caminho de ferro trans-africano, alguem se lembrou de vêr o perigo que d'ahi nos poderia advir.

Foi preciso ir-se mais longe—á exposição da verdade núa e crúa, para se operar a reação que fez agitar a alma nacional.

Assim se produziu uma grande manifestação de vitalidade; e tão intensa ela foi, que não exageraremos, certamente, afirmando que todos os portuguezes se interessaram enthusiasmadamente pelo assumpto.

O que se fez, porém, para corresponder não só a essa legitima reação, mas, tambem, em defeza dos nossos interesses gravemente ameaçados?

Nomeou-se uma comissão para propôr, no mais curto prazo de tempo, as medidas a adotar no sentido de contrariar a concorrencia aos portos portuguezes, projectada pelos nossos visinhos, e. . mais nada.

Pois bem. Se é certo que á nossa opinião o caso não se afigure sob a fórma da imediata gravidade com que foi apreciado pelo pessimismo luzitano, não é menos possivel que o aspecto que ele póde facilmente tomar nos faça modificar essa nossa opinião, tanto mais que as surprezas que diariamente nos chegam de todo o mundo sucedem-se por fórma tal que ninguem póde, com segurança, fazer qualquer juizo.

Se pudessemos asseverar que as influencias existentes não se intrometiam nem se intrometeriam na realisação dos projectados caminhos de ferro hespanhoes, bastava que apenas nos puzessemos em guarda para atacar oportunamente as primeiras manifestações d'essa idéa, e preparassemos logo as medidas eficazes para uma energica defeza dos nossos interesses, se até lá não conseguissemos estar seguros da supremacia de Portugal em materia de tanta monta.

Como, porém, os tempos que vão correndo são propicios á efectivação de todas as idéas possiveis e imaginaveis, mesmo das que pareçam mais absurdas, é, não só de salutar tactica, como de boa prudencia que se ponha em acção o maior numero de baterias da nossa defeza, para contrariar, unica e exclusivamente, o desvio dos importantissimos beneficios que de direito nos pertencem e que se nos pretende usurpar.

Assim, embora a constituição da comissão encarregada de estudar o assumpto represente uma medida inteligentemente tomada, principalmente pela cathegoria social dos membros que para ela foram nomeados, parece-nos, todavia, que outras e oportunas providencias se pódem pôr já em pratica como complemento d'essa medida. Uma das que se nos afiguram de mais proveitosos resultados, será sem duvida a intervenção dos nossos representantes diplomaticos juntos dos governos das nações que atualmente exploram a via maritima para a America do Sul e, ainda, nos paizes

d'esse continente, a fim de, a troco de solidos compromissos e de compensações de facil realisação, se conseguir algumas vantagens apreciaveis para os portos portuguezes, obrigando-os principalmente a escala de todos os grandes transatlanticos, o que, sem duvida, lhes proporcionará a preferencia para o desembarque dos passageiros vindos do sul que se destinem ao centro da Europa e o ponto de embarque facil para os que teñham destino inverso.

Outra providencia de resultados não menos beneficos será o estabelecimento d'uma intensa propaganda no novo mundo, visando muito especialmente a atrahir á nossa terra a grande massa da população americana que, dentro em pouco, constituirá a mais apreciavel fonte de receita dos paizes europeus. N'este sentido, já indicámos o estabelecimento d'uma agencia no Rio de Janeiro, o que nos parece absolutamente indispensavel.

Uma outra medida—e bem oportuna ela se apresenta, é a organisação, no momento presente, d'uma excursão aos pontos pitorescos de Portngal, estações de cura, thermas e praias, convidando-se a tomarem parte n'ela a numerosa oficialidade americana que tripula os barcos que atualmente estão do Tejo, as missões militares estrangeiras e, ainda, os correspondentes e representantes dos jornaes norte e sul-americanos, bem como os das nações europeas que nos possam proveitosamente prestar qualquer concurso.

Escusado nos parece encarecer as vantagens d'esta idéa, e, assim, apenas aqui a esboçamos para que ela seja aproveitada por quem possa pôl-a sabiamente em pratica.

Seria mais um importante serviço que a Sociedade Propaganda de Portugal prestaria, tomando sobre si o encargo de realisar essa excursão, para o que não lhe falta competencias, boa vontade e acendrado patriotismo.

E se da nossa parte depender qualquer parcela de esforço, dentro dos limites da nossa ação, não o regatearemos—antes o prestaremos com o mais são enthusiasmo.

José Lisboa.

CARTAS DE PARIS

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Vinte horas sem comer.—Uma linha com os bufetes fechados.—A chegada a Paris.—Primeiras impressões.

A's quatro e meia da tarde o comboio de Paris começou a encher-se de passageiros, ávidos de apanharem um bom lugar. As carruagens envelhecidas por muito rolarem, certamente, estavam a pedir o amparo benefico da oficina. Eram de corredor lateral, e as de primeira classe apenas se diferençavam das de segunda, por terem simplesmente tres lugares por banco, emquanto que estas comportavam quatro.

Faltava um quarto de hora para as cinco, quando deixámos Hendaya e entravamos em plena campina franceza.

Ao fundo, as montanhas sinistras dos Pirineus mostravam a verdura das suas quebradas e a magestade épica dos pincaros agudos como lanças.

S. João de Luz, apareceu-nos a seguir, muito alegre, muito risonha, envolta n'um arvoredo esguio, lembrando a nossa doce Coimbra. Bandos de crianças vieram espreitar-nos com a alegria da sua graciosidade infantil, e logo o comboio abalou, esgueirando-se sorrateiramente entre os choupos altos. Mais adiante, Biarritz, magestosa como uma rainha, apareceu n'uma larga curva do caminho, recheiada, em uma vasta planura, de chalets, de hoteis de luxo, que uma chuvinha meuda e lenta entristecia n'uma languidez de outono.

A estação, grandiosa e de linhas fidalgas, dá bem a demonstrar a riqueza que envolve toda a cidade e o conforto que a anima.

E novamente o comboio, sorrateiro e silencioso, se meteu a caminho em direção a Bayonna, onde chegámos ao anoitecer, parecendo que no fusco d'aquele fim de dia, a cidade se amortalhava n'uma doce e santa paz.

Ahi a carruagem novamente se encheu, e como a cada passageiro não restava mais do que o espaço do seu logar, cada um começou a conformar-se de que, para se vencer aquelas 14 horas que ainda tinhamos de caminhar até Paris, era preciso resignação.

O comboio não tinha salão restaurante, e cada um de nós se animou da esperança consoladora de um bom jantar no bufete de Bordeus, ás 10 horas da noite. Mas, quando ali chegámos, a decepção que nos esperava era a mais dura e cruenta que se pode dar a um pobre passageiro, maçado, com uma noite perdida, com a fadiga de duas horas de pé á espera da visagem do passaporte, e ainda, tendo tido um miseravel almoço, que mais parecia um lanche, ingerido ás 3 horas da tarde. O bufete de Bordeus estava fechado! Corremos ao chefe. Não podia ser! Então onde comiam os passageiros? Era assim que a França recebia os seus hospedes tres mezes depois do armisticio? Decididamente não podia ser. O chefe desculpava-se com a sua melhor argumentação.

Nós tinhamos imensa razão, disse o bom homem, mas a perfeitura de policia manda fechar os bufetes ás 9 e meia,—que fazer?!

Elle—chefe—só tinha com o serviço do caminho de ferro.

—Que tivessemos paciencia, e ás 9 horas da manhã chegariamos a Paris. Não havia maior vilania. Quizemos injuriar o homem, a França, a civilisação, tudo, emfim; mas o digno funcionario tentou consolar-nos. Que para a outra vez trouxessemos um *panier*. Sim, voltaremos ao farnel, ao autentico farnel, tradicional e amigo.

Não havia maior tortura. O comboio ia partir. E então o dominio americano começou a azedar o ambiente. A gare desaparecia sob uma camada de *Yanks*, que partiam, que chegavam, que estacavam—o diabo. Os letreiros das portas e dos cartazes ofuscavam-se ante outros, mais berrantes, anunciando em inglez aos galuchos americanos, que era ali que se comia, que se comprava o bilhete, que estava o triangulo vermelho, e mil e umas indicações sobre necessidades urgentes.

Emfim, cheios de resignação, partimos para Paris. Mas para toparmos o nosso lugar, foi um drama! O corredor da carruagem estava empilhado como molhos de espargos, em comparsaria com toda a casta de passageiros, militares de todas as côres, mulheres de todas as alturas e grossuras, paisanos de todos os misteres. A cada pedido de licença para passar correspondia um apertão colossal em toda a gente, que se comprimia n'um derradeiro esforço, e só após uma luta titanica conseguimos obter o nosso lugar, que já estava ocupado por um soldado americano, mas que logo se levantou, fazendo a continencia, e indo encher o já minguado espaço do corredor.

Assim passámos essa memoravel noite.

A's 6 horas da manhã, começou a claridade a entrar na carruagem, deixando-nos vêr, atravez as altas janelas, risonhas aldeias em vastas lezirias, onde os trabalhos agricolas estavam decorrendo com o auxilio de cavalos, gordos e pachorrentos como bois de lavoura.

Em Orléans meteram um salão-restaurante ao comboio, certos de que os passageiros teriam fome. Mas a massa comprimida de viajantes que entulhava o corredor, era uma barreira invencivel ao acesso para o desejado pequeno-almoço. Mas n'esse momento fui pela primeira vez feliz na enfadonha viagem; e como a carruagem em que viajava era junta do restaurante, a deslocação foi por isso facil.

Ahi serviram café com leite, sem assucar. *Pas de sucre*—respondeu a criada, uma nariguda de olhos frios. Alguns passageiros tiraram da bolsa do cobre, embrulhado como uma joia cara, pequenas porções de assucar em quadrados; mas eu como o não tinha, vi-me na necessidade de fechar os olhos e tomar aquele calix de amargura, que sabia como fel!

Ivri, a risonha cidade da guarda avançada de Paris, envolta ainda no seu toucado de neblina, dava-nos as boas vindas, e foi o buliço do seu arvoredo e dos seus jardins que nos deu um pouco de alegria como uma vaga imagem do nosso ribatejo, onde os coraes saltam do verde da leziria, como os lirios dentro dos silvados.

Momentos depois estavamos em Paris.

Na estação de Austerlitz, a machina do comboio foi substituida por outra a electricidade. E' um meio pratico de evitar o fumo nos tuneis. D'ali ao Quai d'Orsay, torna-se isso muito comodo em vista da quantidade de comboios que circulam.

Devo aqui explicar que o comboio tinha seguramente o dobro de carruagens do rapido do Porto, e trazia, pelo menos, o triplo de passageiros; pois toda essa massa de gente se sumiu, se polvilhou, e um quarto d'hora depois já não havia um unico na gare.

A plataforma da estação é o contrario da de Lisboa, pois esta é num segundo andar, e aquela é em dois andares abaixo do solo, para onde dão acesso varios ascensores e uma bem lançada escadaria.

As bagagens, são transportadas por um ascensor muito pratico e original. Uma grande tira de pano forte, como uma passadeira, transporta as malas, içando-as, por uma serie de rolos, para os varios balcões, onde as despeja conforme o numero do registo indica, e é ali que o passageiro as vae procurar. De forma que transportado ao andar terreo, o viajante não tem mais que esperar, ao comprido do balcão indicado na senha, pela sua mala que, caminhando pela tira, parece vir pelo seu pé.

A alfandega não é nada exigente e só raro manda abrir um volume.

A segunda *étape* tambem é curiosa e economica. Em Paris ninguem carrega fardos nem malas ás costas; os animaes e os diversos aparelhos mechanicos é que tem esse trabalho. E asim, á porta da estação chama-se um taximetro; o moço que nos trouxe as maletas do comboio, põe as malas ao lado do chauffeur, e os pequenos volumes dentro do auto, espera os seus dois francos se as malas são muitas, senão contenta-se com um. E o *taxi* parte para o hotel indicado.

E' justo dizer aqui, que quasi toda a gente transporta até ao taxi as suas malas pequenas, e é comum vêr senhoras ricamente vestidas, levar a sua maleta, ás vezes de tão avantajadas proporções que uma saloia teria vergonha de a conduzir em Lisboa. Por isso só quem tem muitos volumes, ou não conhece a cidade, é que utilisa os moços da estação.

O *taxi* que me conduziu até ao fim da Rue Richer, uma distancia assim parecida com a que vae do Rocio ao Campo Pequeno, fez o serviço, inclusivé as malas, por 2 f. 10. Em Lisboa custaria dez vezes mais.

Em Paris, os hoteis, as pensões, as hospedarias estão a trasbordar. Os americanos teem atestado tudo. De resto, Paris, como toda a França, está americanisada. E é vêr como eles passam, nos seus autos de campanha, estremecendo tudo com o rodar d'essa poderosa engrenagem, todos orgulhosos da sua força, ou então vê-los á tarde, no *boulevard*, passar aos magotes, com duas parisienses penduradas nos braços, n'uma alegria descuidada, que faz encher de azedume o bom burguez, que em silencio toma o seu «grog» debaixo do toldo do Café da Paz.

Paris, março.

GUERRA MAIO.

ARREDORES DE LISBOA

SITIOS PITORESCOS

Nos arrabaldes da nossa béla Cidade, esposa do azulado Tejo, ha muita coisa que uma grande parte da população portugueza não conhece e a que outra não liga maior importancia.

Os provincianos, na generalidade quando se dispõem a vir a Lisboa, fazem-no com um programa minimo, de maneira que, afora as visitas ás familias de suas relações, em que dispendem uma grande porção do seu mais precioso tempo, apenas veem aquilo que lhes fica no caminho, não se interessando por mais nada.

Os theatros são em geral o seu grande enlevo.

Resultado: deitam-se sempre tarde; ao outro dia levantam-se a horas adeantadas da tarde e assim não lhes chega o tempo para... verem tudo.

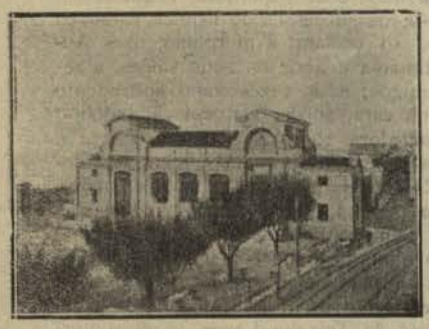
D'esta sorte limitam quanto podem o seu ambito de expansão, sucedendo que pequenas coisas muito apreciaveis, aspectos do mais intenso gozo visual e paysagens d'um tipico original ficam sempre marcadas para serem examinadas a quando da outra visita á Capital.

Um dos pontos quasi sempre esquecidos é o arrabalde de Algés, que muitas pessoas apenas conhecem por tradição e outras por n'ele terem passado, conduzidas por um comboio em vertiginosa carreira. Pois, essa democratica vila, além da sua praia que é a mais favorita do burgo alfacinha e para onde, aos domingos, ele ocorre em

ALGÉS — Um aspecto da Praia de banho

grande numero, acompanhado de fartos e suculentos farneis, oferece encantamentos que não são desprezados por quem vive mais com a natureza do que nas regiões ethereas ou positivas.

E se bem que a importancia d'essa praia seja relativa por uma extranha



DAFUNDO—O aquario Vasco da Gama

configuração do seu solo, quantos aos beneficios da agua que a banha, o seu aspecto alegre, esbatendo-se n'um atrahente e seductor horisonte, proporciona uma especial sympathia que faz com que o alfacinha burguez ali vá distrahir o espirito ameudadas vezes. Mas Algés não se limita simplesmente á praia. Ali ha tambem uma extensa alameda que finda no Aquario interessante museu maritimo onde se examinam especies diversas e raras dos habitantes dos mares.

Essa alameda é bastamente arborisada, tendo vias arruadas por entre o frondoso arvoredo, em toda a sua extensão, o que produz um agradavel efeito á vista do forasteiro.

Do outro lado, em paralelo, existe um elegante jardim, que é um delicioso retiro nas tardes estivaes.

Para o interior, podem-se fazer excelentes passeios a pontos pitorescos, d'onde se disfructam panoramas soberbos pela sua grandiosidade.

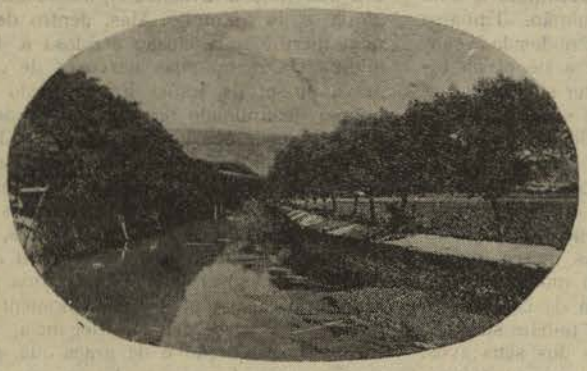
A uma pequena distancia da povoação fica o logar de Carnaxide, onde se encontra a capela erecta a Nossa Senhora da Conceição da Rocha, muito venerada pelos auxilios espirituaes que tem concedido aos seus devotos.

E' este um ponto aonde se vae com enthusiasmo, pelo interessante, pelo agradavel e pela comodidade que oferece na variedade dos seus diversos aspectos. N'ele se costumam reunir, principalmente aos domingos muitos grupos em sugestivo convivio, que para ali transportam fartos e apetitosos lanches a fim de melhor apreciarem todo o encanto d'esse apreciavel arredor.

Não é menos pitoresco o aspecto que se disfructa do Rio Jamor que vae desaguar no formoso Tejo junto da pequena vila da Cruz Quebrada.

A maior parte das pessoas que atravessam a ponte do caminho de ferro de Cascaes proxima da estação d'essa localidade, desconhecem que ela passa sobre um pequeno rio que se presta até para ser cantado pelos poetas. As suas margens, modestas mas mimosas, oferecem seductora atração para idilicos devaneios, principalmente quando a lua, *confidente indiscreta dos namorados*, vem denunciar o relevo das figuras humanas que por ele distrahem o seu pensamento em expansões de amorudo sentir...

Não nos propuzemos descrever orograficamente a posição d'este Rio; por isso simplesmente registamos a sua



CRUZ QUEBRADA—Rio Jamor

existencia como um sitio pitoresco dos arredores de Lisboa.

M. M.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.

Comboios internacionaes

SUD-EXPRESS

NADA ha infelizmente assente sobre o restabelecimento do Sud-Express Lisboa-Paris, cuja falta de cada vez mais se está fazendo sentir.

Dissémos em o nosso ultimo numero que uma das dificuldades, senão a maior, em pôr de novo este comboio a circular, provinha das linhas francezas, dada a aglomeração de mercadorias que estão pejando as estações da fronteira franco-hespanhola por onde passa o Sud-Express e o facto de a linha que serve essa fronteira se achar muito fatigada pelo intensivo serviço que suportou durante a guerra.

E' muito possivel que assim seja, mas tambem não nos repugna acreditar que esses motivos pódem muito bem servir de pretexto para postergar os interesses portuguezes em beneficio d'outras vias.

Demais, não se comprehende facilmente a demora no restabelecimento d'esse nosso comboio internacional quando outros, em identicas ou peores circunstancias, estão já circulando ou em via de muito proximamente tornarem a circular.

Achamos que este é um assumpto por que nos devemos empenhar com ardor, e assim esperamos que não só o governo, mas tambem as companhias interessadas no trafego de passageiros internacionaes procurem esclarecer o caso e tomem as medidas de precaução e de defeza que se impõem para que os interesses portuguezes não sejam prejudicados em beneficio de outros menos justos e menos razoaveis.

Como o assumpto se relaciona muito directamente com o turismo em Portugal, não o largaremos de mão.

ORIENT-EXPRESS

ESTA anunciado para o dia 15 do corrente mez o restabelecimento d'este comboio rapido de luxo ligando a capital da França com a da Grecia e servindo tambem a Italia

Foi este, antes da guerra, um comboio de grande nomeada e que ao turismo mundial prestou relevantes serviços.

E' de crêr, pois, que, assim que a onda de revolta que está dominando o globo desapareça para dar logar ao socego que cada vez se torna mais necessario, o «Orient Express» volte a exercer a sua missão civilisadora facilitando as comuninações atravez as grandes barreiras, e proporcionando o desenvolvimenro das relações turisticas, comerciaes e industriaes entre os povos europeos e os transbalkanicos.

ARTE E LITERATURA

AUGUSTO ROSA

DE *JULIO DANTAS*

Vou falar-lhes da ultima doença e da morte de Augusto Rosa.

Não infligiria, decerto, ao meu espirito, a tortura de recordar essa tremenda pagina de agonia, se o glorioso artista, que tão nobre e tão bella soube tornar a sua vida, não tivesse convertido n'uma grande lição de belleza a sua propria morte. Sou d'aquelles que entendem (e com intima convicção!) que a doença, como todas as miserias, tem o seu pudor, e que, sobretudo tratando se de homens eminentes, se deve envolver na piedade do silencio tudo quanto o espectaculo da morte tem de deprimente para a dignidade humana. Mas Augusto Rosa foi uma excepção. Augusto Rosa pertenceu a essa rara estirpe de creaturas que possuem o condão de elevar e de enobrecer tudo aquilo que os toca, e que, ou calcem as sandalias doiradas de Alcibiades, ou vistam a casaca vermelha de Lauzun, ou atem a gravata inverosimil de George Brummel *squire*, parecem creadas pela providencia para, de tempos a tempos, com o seu sorriso frio, ensinarem o resto da humanidade a estilisar a vida e a encher de belleza a dôr e a morte. O grande artista foi, na sua maxima expressão e até ao seu ultimo alento,—um elegante. Soube, como Dorian Grey, «viver em plena arte». Conseguiu, como Hedda Gabler, «morrer em plena belleza».

E, entretanto, Augusto Rosa succumbiu a uma doença horrivel, um cancro do pulmão. Tinha-se operado, ha dezasete annos, de uma nodosidade cancerosa sub-cutanea da aza do nariz; a néoplasia toraxica, que o victimou agora, deve ter sido uma metástase ganglionar, mediastinica, que se desenvolveu lentamente, adheriu á pleura, invadiu o parenchima pulmonar,—e produziu, ha-de haver cinco mezes, os primeiros symptomas graves de compressão e as primeiras hemoptises.

O grande artista teve o presentimento de que seria aquella a sua ultima doença; mas nunca soube, nem suspeitou sequer, até ao ultimo momento, apesar de pertencer a uma dymnastia de cancerosos, que se tratava do mesmo mal a que tinham succumbido seu pae, sua mãe, e mais dois dos seus avós. Vi-o em seguida á primeira crise e impressionou-me o seu aspecto, a sua côr, essa pallidez baça de porcellana que os medicos conhecem tão bem, a face pendente, o labio violaceo e descahido, a sua bella cabeça de romano trabalhada já d'uma repentina senectude que lhe endurecia os braços, que lhe avivava os relêvos osseos, e que, não sei porquê, me fez pensar em certas aguas-fortes de Durer. Disse-me que vivia artificialmente de injecções de morfina; que o atormentavam uma dôres rheumatoides no braço esquerdo; e concluiu, deixando cahir o monoculo, n'um gesto de acabrunhamento e de desanimo: —«Este coração, este coração...» Fiquei a olhal-o, emquanto elle se affastava na nevoa luminosa da tarde, elegante ainda, apesar do visivel esforço dos seus movimentos, um completo inglez, azul escuro, collado ao corpo, um *pardessus* no braço, umas luvas de camurça branca, amarrotadas sobre a volta de ouro da bengala. Lembrei-me da velhice, cheia de distincção, do visconde d'Orsay, e senti, ao vêl-o descer a rua, querido, admirado, cortejado, que Augusto Rosa se despedia voluptuosamente da vida e que era aquelle o seu ultimo passeio. Assim foi. De ahi por deante, o grande actor raras vezes sahiu, sempre de carruagem, embrulhado n'um *pleid* e acompanhado de sua esposa. As crises espasmódicas repetiam-se; uma tosse sêcca, quintose, coqueluchoide, atormentava-o; os successos de dispnéa, cada vez mais frequentes, só cediam á morphina; mas Augusto Rosa continuava a abrir os seus salões, a receber os seus amigos, e, ás vezes com o soffrimento a pintar-se-lhe na cara, sorria, conversava, redobrava de graça acolhedora, rodeava-se d'arte, d'alegria, de explendor, de juventude, procurava (com que dolorosa evidencia!) corrigir pelo culto, cada vez maior, da sua elegancia pessoal, as devastações implacaveis da doença da velhice. Parece que o estou vendo ainda, assentado n'um pequeno sophá Luiz XVI, ao fundo do salão, rodeado de almofadas, a cabeça na attitude tão fina e tão espiritual em que o surprehendeu o marmore de Teixeira Lopes, os olhos mortiços, a luz a encher-lhe de dedadas doiradas a pallidez inquietante da face e das mãos.

Lia; recitava as obras primas de todos os poetas; versava com os seus amigos questões de esthetica geral; improvisava serões literarios; a sua voz potente, pastosa, magnifica, d'uma sumptuosidade lithurgica, declamava Camões e Petrarca, Ronsard e Gil Vicente,—e, á medida que elle proprio se ouvia, a physionomia animava-se-lhe, resplandeciam-lhe os olhos, avivava-se o traço imperioso do seu nariz Bourbon, e a sua tragica invalidez erguia-se ainda na illusão da gloria e do triumpho. Mas, dentro de pouco tempo, nem mesmo uma illusão caridosa a doença lhe permittiu. Os symptomas nervosos de compressão aggravaram-se; ás lesões irritativas do recorrente, que tinham determinado terriveis espasmos da glote, succederam as lesões de destruição; produziu-se a paralysia das cordas vocaes; veio a disfonia,—e o grande artista, que vivera do explendor maximo da palavra, em cuja bocca o verbo dos poetas se tornara alma, luz, côr, sorriso, lagrimas, emoção, grandeza, encontrou-se sem voz, soffreu a suprema agonia moral de vêr toda a sua gloria reduzida a um murmurio apagado, e, por momentos, succumbia. Restava-lhe a belleza, a elegancia, essa flôr atheniense de distincção e de graça que, pela vida adiante, fôra uma das razões do seu successo, e que Augusto Rosa soube cultivar, até á morte, com o escrupulo voluptuoso d'um grego de decadencia. Já de cama, recostado em almofadões, vestido d'um pijama de setim preto, um pequeno espelho de prata na mão, levava metade do dia a fazer massagens na face, a frisar os cabellos, a polir as unhas, a escolher joias como um adolescente. Não recebia ninguem, nem o seu amigo mais intimo, sem estar, como elle proprio dizia sorrindo,—«en beauté». A' similhança de Lysicrato, que, para receber a morte, mandou doirar o linho da sua tunica, Augusto Rosa, antes de morrer, preoccupou-se ainda com a belleza d'um effeito de luz sobre o setim que o vestia, e pediu que lhe lêssem versos. Depois, a cabeça pendeu, o nariz afilou-se mais, entrou n'um breve côma, arfou n'um Cheyne-Stokes sereno, e extinguiu-se, tranquillamente, pela madrugada. Tinha morrido como vivêra,—com a dignidade de um estheta.

SEJAMOS PRATICOS

A conferencia ácerca do turismo, feita ha pouco na Associação Comercial pelo sr. Fausto de Figueiredo, impressionou vivamente o auditorio pelo senso pratico n'ela manifestado. Demais, ao conferente assistia particular auctoridade pela empresa a que se abalançou com tão arrojada iniciativa, procurando crear no Estoril uma estancia de turismo de primeira ordem, e transformar radicalmente a principal linha sub-urbana de Lisboa, favorecendo assim a expansão da cidade.

O ponto principal da sua these e que ninguem póde contestar cifra-se em poucas palavras.

A industria do turismo pode e deve ter capital importancia na nossa economia, não nos fazendo porem esquecer o dever do trabalho fecundo no desenvolvimento da agricultura e das outras industrias. Assim procede a Suissa, que, tendo no turismo fonte abundante de riqueza, não despreza nenhuma das outras manifestações de actividade economica.

Sem fazermos pois do turismo o sucedaneo da nau dos quintos, devemos empenhar esforços para o crear, tanto mais que do seu incremento virão as mais bemfazejas repercussões em todos os outros ramos de trabalho.

Assente este primeiro ponto, importa não ocultar que não estamos preparados para acolher convenientemente os forasteiros que venham visitar o paiz.

De pouco servirá, sob esse ponto de vista, fazer grandiosas obras complementares do porto de Lisboa se começamos por não ter hoteis.

Os que hoje existem (e em poucos anos desapareceram dois dos principaes, o Bragança e o Central) mal chegam para a clientela nacional. Se ámanhã desembarcarem de um paquete 200 ou 300 viajantes, não encontrarão provavelmente onde se alojar.

Insuficientes em numero, os hoteis portuguezes não satisfazem, em geral, aos devidos requesitos, nem sob o ponto de vista da installação material, nem no que toca á formação profissional do seu pessoal.

A industria hoteleira é sobremodo complexa. Para a aperfeiçoarmos preciso é importar desde os planos do hotel até aos typos de mobilia e aos agentes que os devem dirigir e servir, emquanto se não forma pela pratica e pelo ensino apropriado pessoal idóneo.

E' preciso notar que, graças á Comissão de hoteis da *Propaganda de Portugal*, bastante tem progredido a industria hoteleira desde 1906, em que a Sociedade a fundou. Basta percorrer os principaes centros do paiz para reconhecer os progressos realisados a despeito dos obstaculos creados por nove annos de constantes revoluções.

E não é só em hoteis de luxo que se deve pensar, como o turismo não pode ser encarado sob o ponto de vista exclusivo da atracção de alguns centos de creaturas opulentas.

E' a grande massa de turistas de medianos recursos que dá logar aos maximos proventos. São os que viajam, não no *Sud Express*, mas em carruagens de 1.ª e 2.ª classe e procuram hoteis de mediano conforto, que importa não esquecer, pois o seu menor tributo individual é larguissimamente compensado pelo grande numero.

Tem-se tentado, desde 1898 promulgar uma lei que promova a construcção de bons hoteis nos principaes pontos que podem ser centros de turismo. Todas essas iniciativas teem esbarrado em obstaculos por vezes pueris e sempre lamentaveis.

Se em curto prazo não se constroem e organisam quanto antes em Lisboa pelo menos um ou dois grandes hoteis, não de luxo mas irrepreensiveis pela comodidade, hygiene e bom serviço, sem prejuizo da relativa moderação de preços, escusado é pensar em turismo.

Junte-se a isso a melhoria dos serviços urbanos de hygiene, de limpeza, de policia, a começar pelo policiamento do porto, só então poderemos chamar visitantes ao paiz.

Outro ponto capital frizou o conferente: peior ainda que a insuficiencia da nossa rêde d'estradas é o seu deploravel estado de conservação, a ponto tal que em muitos d'elas é quasi impossivel, sem grossa avaria, a circulação dos automoveis. Tão importante reputamos o assumpto que deixaremos o seu exame para artigo especial.

Finalmente, foi chamada pelo sr. Fausto de Figueiredo a atenção do governo e da opinião publica para a Industria de exploração das aguas minero-medicinaes, intimamente relacionada com os outros elementos da creação do turismo. A nossa extraordinariqueza, que em numero e qualidade de aguas não tem inveja á dos paizes mais favorecidos pela natureza, está bem longe da devida valorisação.

Tambem é thema que importa ser explanado a seu tempo.

Dos topicos da conferencia resalta o dever, que todos teem, de trabalhar em acção coordenada.

Instituiu-se para isso a Repartição e Conselho de turismo para o estudo methodico do problema, não se lhe dando, porém, dotação suficiente.

Os capitaes devem afluir para o emprego inteligente em industrias como a dos hoteis e das estancias de aguas, que lhes podem assegurar bom rendimento, desde que se obedeça ás normas consagradas pela experiencia de paizes mais adeantados.

Governo e serviços publicos devem auxiliar e orientar as iniciativas privadas e olhar a sério pelos melhoramentos que lhes incumbem.

Para tudo isso é preciso socego, paz interna, confiança no dia de ámanhã, guerra á politica facciosa, que só pensa em cevar odios, ambições e vaidades.

Da *Epoca*.

J. FERNANDO DE SOUZA,

A literatura portugueza em Hespanha

APRECIAÇÕES D'UM ESCRIPTOR HESPANHOL

ESTANDO de passagem em Madrid, não quiz deixar de visitar o meu bom amigo e confrade D. Aurelio Viñas, que é um moço escriptor, cheio de talento, de vigor e que nutre pela literatura portugueza um são enthusiasmo. Agora, mesmo, acaba de sahir da sua ilustre pena uma admiravel traducção das *Cartas de Inglaterra* do grande mestre que foi Eça de Queiroz, e que na imprensa do paiz visinho foram justamente consagradas.

Efectivamente, percorrendo-se as soberbas paginas d'essa tradução, nota-se logo o solicito cuidado e o carinho com que ela foi feita, pois o espirito delicado e a ironia facil do grande escriptor, nada perderam no seu superior relevo.

Esse facto despertou-me o desejo de conhecer de perto qual o movimento literario portuguez em Hespanha; e assim animado, lancei-me em procura de D. Aurelio Viñas, que muito amavelmente me recebeu, interpretando como de costume aquela fidalguia tão peculiar da sua raça.

Abordámos o assumpto que me interessava.

—A literatura portugueza em Hespanha—começou D. Aurelio,—está em verdadeira efervescencia. As obras de Eça de Queiroz acham-se quasi, se não todas traduzidas. A admiração pelo grande escriptor desaparecido, é a mais alta, que se póde imaginar. Ainda nenhum outro escriptor estrangeiro obteve um sucesso egual. Qual-

quer hespanhol medianamente ilustrado tem um culto pelo seu compatriota. Porém, por desgraça nossa algumas obras estão traduzidas pessimamente. Imagine o meu amigo que lhe faltam phrases, paginas, até capitulos!

«No entanto, como a admiração pela obra de Queiroz já é grande, os editores, compreenderam que não a deviam mutilar, e por isso as ultimas edições já veem integras. Olhe—os *Ecos de Paris* acabam de ter um grande successo.

«Outros escriptores portuguezes—continua D. Aurelio com o mesmo enthusiasmo—teem em Hespanha tambem o seu culto, como por exemplo: Oliveira Martins, cuja obra *Historia da civilisação iberica*, é muito conhecida. De Camilo, tambem se traduziu ultimamente o *Amor de Perdição;* de Julio Dantas, *A ceia dos Cardeaes* e o *Reposteiro Verde;* anunciando-se já uma traducção de Antero de Figueiredo. O jornal madrileno *La Jornada* está publicando, em fórma de folhetim, uma novela de Sousa Costa.

—Tenciona fazer mais alguma traducção? —perguntei-lhe.

—Sim; quero vJr se traduzo mais alguma coisa de Eça, pois é para mim a primeira figura da literatura mundial; mas os editores das suas obras fazem uma tal dificuldade, que custa a conseguir o que se deseja. Tambem desejava traduzir alguma coisa de Oliveira Martins, artista egualmente forte na literatura; e uma obra que me tentaria era as *Cartas peninsalures*. Vou escrever para Portugal, a vêr o que comsigo dos editores.

D. Aurelio Viñas, fala depois da paisagem portugueza, da sua verdura sempre moça, do seu sol e da belesa das suas novas avenidas. Fala ainda em voltar a Portugal, a fim de colher novos elementos para os seus estudos literarios e impressões *sur place* que melhor os completem.

Assim passei uma das melhores horas da minha estada em Madrid, pelo que fico devendo a esse verdadeiro e consciente amigo, de Portugal, o meu indelevel reconhecimento, quer como portuguez, quer como amigo, pela carinhosa recepção que me dispensou.

C. M.

Paris, Abril 1919.

CARTA DE ITALIA

ROMA, Março de 1919.

Não esmorece o enthusiasmo com que vão sendo tratadas as questões que se prendem com o desenvolvimento do turismo; antes se intensifica, dia a dia, já proporcionando soluções para uma atrahente propaganda, já iniciando-se estudos e conferencias para acordos internacionaes de forma a extrahir-se d'eles o maior e o melhor proveito.

O turismo é, hoje, em Italia, principalmente em Roma, um dos problemas vitaes da nacionalidade. Todos procuram prestar o seu concurso para que a benefica e prodigiosa industria do turismo, que terá seu verdadeiro inicio depois de assignada a paz mundial, comece a ser explorada sobre bases suficientemente solidas, de forma que a conjugação dos interesses de todos os ramos que lhe darão sêr se faça harmonica e progressivamente.

Emfim, como é um assumpto que a todos interessa—e não só aos turistas, agita-se a vida nas cidades e nas vilas para se prepararem a acolher os visitantes estrangeiros que cada uma d'elas espera receber em grande numero; todas porem, confiadas no excelente serviço de propaganda que tem sido habilmente posto em pratica.

Porque—é preciso que se note—se as negociações da paz preocupam em excesso os elementos que, em virtude das suas posições sociaes, são obrigados a consignar-lhes toda a sua atenção, isso não obsta, porem, a que os outros, que não tem responsabilidades algumas no proseguimento d'essas negociações, se dediquem ao que lhes interessa, não simplesmente no que respeita ao bem proprio, mas ao da nação.

E', d'esta forma, que o Touring Club Italiano tem feito desenvolver a sua ação e conseguido, com uma bela inteligencia e uma persistencia sem limites, organisar o serviço de propaganda turistica a ponto de ela ser já reconhecida hoje como da maior utilidade publica. Assim, a publicação da guia de Italia, que tem sido organisada sob a proficientissima direção do Comendador Bertareli, está classificada como um trabalho notavel, cujas vantagens se manifestam pelo seu absoluto exito.

São cinco os volumes já lançados a publico: dois descrevendo o Piémonte e a Lombardia; dois contendo a descripção da Emilia, da Liguria e uma parte da Toscana; e um outro especialmente destinado á Sardenha. Brevemente deverá aparecer o que contem a descripção da Scicilia que, por certo, será outra obra imensamente util e interessante sob o ponto de vista pratrico como verdadeiro guia, que é.

Toda esta obra teem tanto mais valor original quanto é certo que em nenhum outro paiz se fez ainda trabalho mais completo.

Este importante guia, alem da sua superior utilidade para a industria do turismo, constitue, tambem, um codice precioso a inscrever nas bibliothecas pelo seu grande valor enciclopedico, em que as descripções historicas, artisticas e sobre monumentos estão feitas com a mais rigorosa fidelidade e com um vibrante e patriotico interesse.

Todo o guia é redigido em lingua italiana; porem, a sua tradução far-se-ha em francez e inglez, em edições de dois e quatro volumes, respectivamente e constituirá um elemento indispensavel para se visitar a Italia.

Eis, em resumo, os mais recentes écos das palestras e impressões colhidas nos meios turisticos d'aqui.

Aproveito a ocasião para lhes assegurar que a *Revista de Turismo* é aqui muito apreciada, tendo merecido os maiores louvôres das entidades em destaque do mundo turistico italiano, que lhe dispensam o mais lisongeiro acolhimento.

De facto, a nossa interessante publicação, que é d'uma feição quasi especial na sua estructura, merece bem os justos encomios que aqui lhe teem sido tributados e que eu, desvanecidamente, tenho agradecido, como seu modesto, mas muito honroso representante.

MARIO ANTONIO.

Composto e impresso no «Centro Tipografico Colonial» Largo da Abegoaria, 27—Lisboa